

*A "Peregrinação de Barnabé das Índias"
e seu diálogo intertextual com "Os Lusíadas" e a
"Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto*

Lélia Parreira Duarte
PUC Minas

No texto intitulado “A leitura e a escrita na literatura portuguesa ou a identidade em movimento”, que se constitui como uma reflexão sobre alguns dos muitos romances publicados em Portugal a partir da revolução dos Cravos, e que foi feito para publicação em livro organizado por nossa querida colega Maria Luiza Rietzel Remédios, referi vários desses romances como construídos com os recursos da ironia e do humor, numa relação intertextual com *Os Lusíadas*, de Camões, e com a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, texto este que teria também uma perspectiva ironicamente crítica em relação às viagens e aos descobrimentos portugueses.

Considerando inicialmente que a literatura é sempre um campo fértil para os estudos da identidade, por constituir-se a partir do imaginário de um povo, incorporadas e refletidas as questões históricas com que este se defronta, o meu estudo procurou observar o que Homi Bhaba chamaria de caráter “pedagógico” de textos clássicos como *Os Lusíadas*, de Camões, em contraposição com a perspectiva “performática” desses romances contemporâneos, que tentam registrar sujeitos móveis em processo de significação. Minha perspectiva foi de que, se textos como *Os Lusíadas* são pedagógicos, por sua vocação totalizadora que inclui a idéia da permanência e a possibilidade de dominação – notadamente numa leitura tradicional, voltada para as grandezas das viagens e dos descobrimentos (falo de seu enunciado e não de sua enunciação, como é evidente). Essas narrativas contemporâneas serão assim “performáticas”,

pois tentam flagrar mobilidades e significâncias, numa produção estilizada que só pode configurar mosaicos espelhadores de “outridades” e estranhamentos.

Essa narrativa pós-revolução não teria como referência direta (ou melhor, indireta, irônica) apenas *Os Lusíadas*, portanto. Mergulharia ela muito mais as suas raízes, na verdade, nesse texto quase contemporâneo da epopéia camoniana – a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto – que já incorporaria em si uma perspectiva crítica relativamente ao heroísmo dos portugueses e ao seu “natural” destino de dominação e permanência. Se na grandiosidade controlada dos seus 10 cantos e dos seus 8816 decassílabos heróicos - numa organização bem planejada e racionalmente construída -, Camões exaltava o heroísmo dos lusíadas, representados especialmente em Vasco da Gama, Fernão Mendes Pinto colocava em seu relato de caráter autobiográfico, como principal autor dos “grandes feitos” portugueses, um anti-herói - António de Faria – profissão pirata, com conquistas descritas muito mais como saqueamentos que como feitos heróicos.

Já tentei antes mostrar, em outro estudo que, se *Os Lusíadas* cantam as glórias lusitanas – embora várias análises mostrem a crítica presente também nessa epopéia camoniana -, a *Peregrinação* revela aspectos negativos das viagens e uma perspectiva que sente os portugueses como inferiores diante dos povos visitados. Isso poderia ser visto, de modo especial (e é o que procuro mostrar no mencionado trabalho), em romances como *O bosque harmonioso*, de Augusto Abelaira, *As naus*, de António Lobo Antunes e *Peregrinação de Barnabé das Índias*, de Mário Cláudio, em que a função “pedagógica” estaria abalada pelo acolhimento de diversos pontos de vista críticos, presentes em algumas de suas linhas e, principalmente, em muitas de suas entrelinhas.

Pretendo aqui agora refletir um pouco mais sobre a *Peregrinação de Barnabé das Índias*, de Mário Cláudio, romance profundo e instigante, que dialoga intertextualmente com *Os Lusíadas* e com a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, construindo-se com a conhecida sensibilidade desse autor fecundo – Mário Cláudio - que tão bem sabe tecer os fios da ironia e do humor em suas narrativas.

Começo por esclarecer os conceitos de ironia e de humor com que trabalho, conceitos aparentados pelo viés de dizer indiretamente, ou “desdizer” o que dizem os seus enunciados. A diferença entre os dois conceitos estará no fato de que, se a ironia fala do outro e usa incongruências para enfraquecer ou mesmo inverter significações, desautorizando uma dominação para servir a outra, o humor fala de si mesmo, desamarra sentidos e retira certezas, mostrando que a significação é provisória, relativa, deslizante, flutuante e colocada em uma terceira, escorregadia e indefinida margem. Diferentemente da ironia, portanto, o humor não tem como objetivo a significação e o referendamento do poder, voltando a sua crítica para a própria textualidade, ao exibir os artifícios de construção de que se serve. O humor mostra, assim, sua grande capacidade de distanciamento e a sabedoria de ver que a verdade depende da perspectiva, brincando com aquela razão que Schopenhauer chama de “senhor severo, perpétuo e molesto”¹. Por sua habilidade em lidar com os significantes e com a característica lúdica da linguagem, o humor funciona também para alertar relativamente aos seus perigos, dada a sua fluidez e maleabilidade.

A meu ver, a *Peregrinação de Barnabé das Índias* elabora de forma admirável esses conceitos de ironia e humor, invertendo, subvertendo ou desequilibrando olhares valorativos acerca das viagens e dos descobrimentos. Seja porque vê de uma perspectiva desmistificadora o heroísmo de Vasco da Gama, exaltado por Camões no poema épico, seja porque corrobora a visão ironicamente elogiosa de Fernão Mendes Pinto às viagens e às conquistas portuguesas, seja ainda porque elabora com liberdade desejos e linguagem, deixando questões em suspenso e exibindo o fio com que se constrói. N’*Os Lusíadas*, Vasco da Gama representa a coragem, a força e a predestinação: vence desafios, supera traições, dialoga com poderes míticos e

humanos, tem habilidade para negociar e usar o “metal luzente e louro”, o que aliás provoca no Poeta amargas reflexões. Além disso, sabe e pode contar, articulando numa história convincente feitos dos portugueses antigos, com a genealogia de seus reis e a narração dos seus grandes feitos, o que cria boas expectativas relativamente a um futuro de novas glórias e poderes. Pela voz do Gama, no poema camoniano, o Poeta elogia a tenacidade dos portugueses, observando-se que Paulo da Gama também tem acentuada a sua importância histórica, embora seja ele visto como menos importante, tanto no plano do enunciado quanto no da enunciação, sendo ele narrador secundário e figura menor que a de Vasco, no poema.

Muitos desses elementos Mário Cláudio inverte em seu romance, cujo tom aproxima-se muito mais da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto que da epopéia camoniana. Se na narrativa de Mendes Pinto a aparência totalizadora fica comprometida por elementos como a sátira ao heroísmo, a afirmação repetida de que no Oriente os portugueses são bárbaros e os orientais os civilizados, bem como pela explanação da idéia de um deus superior aos cultos e aos ritos, na *Peregrinação de Barnabé das Índias*, as (in)certezas ficam ainda mais incertas: o romance de Mário Cláudio relata a viagem de Vasco da Gama, exaltando mais a figura de Paulo que a de Vasco, para colocar no final da narrativa, num diálogo em que fica mais claro o espelhamento entre os dois protagonistas - Vasco e Barnabé -, a grande dúvida: foi o chefe da armada - Vasco da Gama - ou foi o grumete Barnabé quem descobriu o caminho para as Índias?

A questão fundamenta-se inicialmente na relação de Vasco com seu irmão Paulo da Gama, lembrada no romance de Mário Cláudio desde a infância e a juventude de ambos, relação que revela a fragilidade, a indecisão e o medo constante desse irmão mais novo - Vasco -, sempre protegido e orientado pelo mais velho - mais experiente e mais sábio - e que, por isso mesmo, deveria ter sido o comandante da empresa marítima. Reforça-se a dúvida pelo crescimento da personagem Barnabé, cujo itinerário decorre na sombra, mas cujo final mostra ter ido ele mais longe que qualquer outra personagem do livro, no plano do amadurecimento e da ascensão em busca da sabedoria. Barnabé confirma-se como figura principal da narrativa (dá-lhe até mesmo o título) e representa o povo, especialmente os judeus envolvidos com a aventura das navegações e dos descobrimentos. O próprio comandante reconhece no final do romance a importância dessa personagem, quando dialoga com o ex-grumete e lhe afirma ter sido ele, afinal, o descobridor do caminho para as Índias, deixando para o leitor extradiagético a dúvida: referir-se-ia Vasco da Gama à viagem real ou à ultrapassagem simbólica do cabo das tormentas - vista pelo bom judeu Barnabé como a travessia do Mar Vermelho? Isto é, a descoberta que Vasco da Gama menciona não seria a da sabedoria e tranquilidade adquiridas por Barnabé com a vitória sobre as dificuldades enfrentadas na viagem? (Barnabé arribou a Moçambique, mas “foi o império dos anjos que se lhe descerrou”, diz o romance, à p. 179).

O que não se pode negar é que Mário Cláudio coloca no centro de sua narrativa o Barnabé - um judeu camuflado, que de humilde e obscuro passa a figura de poderes extraordinários, poderes entretanto tão obscuros quanto os da sua escolha para participar da viagem de Vasco da Gama, ou para viver a extraordinária relação sexual em que se envolve com a desconhecida mascarada de argolas de marfim nos tornozelos, ou ainda para a sua figuração de um novo Moisés, que “atravessara o deserto, e adorara um ídolo, e bebera da fonte da rocha, e comera do maná do céu, e ali se plantava alerta, e à vista da Cidade que os muros não protegiam.” (p. 245). Esse modesto judeu faz oscilar os alicerces em que se assentam os relatos tradicionais das viagens portuguesas, mostrando que interesses não revelados impulsionam muito mais que o cristianismo os grandes feitos, cujas bases estão antes no desejo de poder e/ou no medo que na coragem. Mário Cláudio retira de Vasco da Gama o heroísmo com que o coroara Camões, aproximando-o mesmo do capitão impiedoso

e desadaptado, desnudado aliás na biografia feita, após grande pesquisa, por Geneviève Bouchon. Descentra-se assim a memória das navegações, desvelando-se os bastidores das viagens de descobrimentos e circulando, entre reconhecidos e desconhecidos, a responsabilidade das realizações, com especial ênfase nos judeus, que teriam impulsionado e financiado os empreendimentos marítimos.

Observa-se no romance que a atitude do autor não é pedagógica - de quem sabe e pode ensinar -, pois a sua voz constantemente semeia dúvidas quanto ao relato, chamando a atenção do leitor para o caráter de narrativa, de representação e de construção ficcional desse texto que toma como base acontecimentos históricos, introduzindo neles, entretanto, oscilações que colocam dúvidas sobre a sua veracidade; seu tom remete mesmo, constantemente, para a observação feita por um dos narradores de que era difícil distinguir entre o que sonhavam e o que iam observando. As dúvidas referem-se também ao repetidas vezes acentuado caráter de representação do texto, que além disso remete constantemente ao teatro de Gil Vicente e a outros textos, como mostrou Maria Theresa Abelha Alves, em estudo intitulado “A peregrinação iniciática de Barnabé das Índias” (ALVES, Porto, 2000).

Também a multiplicidade de perspectivas dos relatos configura-os como narrativas ficcionais e não como certezas, marcando-se uma constante dúvida relativamente à sua confiabilidade, por estarem eles sempre envolvidos num clima de lembranças confusas, de magia e de sonho. Isso fica mais evidente nos momentos em que Barnabé assume a narração, pois acentuam-se então as incertezas do texto de um narrador que nada ousa afirmar, como mostra o grande número de expressões que marcam a narrativa como exercício de linguagem e de ficção:

ouvira falar (...), corria que era cristão (...), afirmando que sim (...), presumia (...), se bem que não ousasse confessar esses pensamentos (...), o sota-piloto narrava-me (p. 146); e desconheço se da minha inocência zombava o que semelhantes maravilhas me descrevia (...), a diversos prodígios aludia ele, e pelo geral, futuro eu, da sua pura fabricação, e é que tanto se gozava de os outros surpreender como de a si mesmo se embebedar com as fantasias que alinhavava (p. 147).

Pela voz de Barnabé, Mário Cláudio mostra assim a consciência de que narrações se sobrepoem a narrações e textos constroem-se intertextualmente: não consistiria principalmente nisso a descoberta do caminho das Índias e a construção de uma desejada identidade?

É interessante notar que na época das viagens, dos descobrimentos e das colonizações, uma das máscaras constituintes da *persona* social incluía certamente a representação de arrojo e coragem que geralmente camufla a timidez, levando o indivíduo a assumir riscos desusados por reação ao pânico que ameaça paralisar. Várias personagens da *Peregrinação de Barnabé das Índias* ilustram essa teoria, pois fica claro que somente impulsionados pela necessidade Vasco da Gama e o próprio Barnabé persistem no caminho que lhes foi traçado por forças exteriores ao seu desejo. Por isso mesmo, precisam ironicamente de aparentar mais destemor do que seria normalmente necessário, em momentos cruciais da narrativa.

Nesse sentido, mesmo o altruísmo final de Barnabé aparece como enigma; não havia o judeu seu protetor - Joseph de Lamego - predito que ele se transformaria no Papa da Igreja? Se lhe estava reservado esse papel e se as circunstâncias haviam apontado para ele no momento em que tudo parecia perdido mas se transformara milagrosamente, aparentemente por mérito seu, não deveria ele adotar-se a essa imagem? Isto no plano do enunciado,

porque no plano da enunciação indica-se, mais uma vez, o humor dessa narrativa, em que se acentua o caráter de representação da assunção de Barnabé ao lugar de pontífice da Igreja, quando o grumete veste, “por cima da farrapada onde basta piolheira remexia”, os paramentos, imobilizando-se no papel de modelo para a pintura do retrato do primeiro Papa “e na atitude e pose foi obedecendo a quanto dele o artista exigia” (p. 274).

As várias perspectivas narrativas presentes na *Peregrinação de Barnabé das Índias* exibem assim e de muitas outras maneiras que não tenho aqui tempo para apontar, o caráter de representação desse texto, acentuando a sua divergência relativamente a *Os Lusíadas* e o seu parentesco com a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Essas perspectivas assinalam principalmente essa condição de relato que retoma outros relatos, fazendo simultaneamente leitura e escrita / criação e alegorizando a identidade da nação portuguesa, vista então como construída pela linguagem e em constante movimento.

Colocam-se assim em contraponto as duas perspectivas de identidade – pedagógica e performática –, revelando-se de grande utilidade para a sua elaboração os recursos da ironia e do humor. Se a primeira perspectiva – pedagógica e tradicional – pode ser vista como estática, definida, a segunda – performática – será certamente fragmentada, instável, mutante, de caráter suplementar e auto-referencial, remetendo por isso ao provisório, à terceira margem e à representação que se confessa representação e não se fixa, portanto, no objetivo retórico de enganar ou iludir. Essa perspectiva de humor e de performance teria assim como base a ambigüidade e a polivalência lingüística, já que a linguagem não tentaria, no caso, expressar o sentido na perspectiva tradicional e etimológica de exteriorizar o que é interior para a psique do autor, mas ofereceria uma variedade de potenciais significados a serem atualizados pelo leitor.

A identidade disseminada através dessa construção performática estaria assim próxima do humor, nesse sentido em que o conceituam autores como Celestino Vega, Schopenhauer, Candace Lang, Guido Almansi ou Wayne Booth² (este, quando fala da ironia instável). Isso porque a identidade de que trata o romance de Mário Cláudio não seria algo passível de ser interpretado ou traduzido, mas apenas comentado ou reescrito, especialmente porque esse romance alterna constantemente o foco narrativo, o que acontece freqüentemente: assumindo e afirmando a descontinuidade e inerente outridade do eu, mostra como o sujeito (e a identidade - individual e da nação -), produz-se através da linguagem. Linguagem cujo fundamento, lembra Nietzsche, para quem a linguagem é apenas repetição de metáforas usuais, mentiras segundo sólidas convenções, num estilo obrigatório para todos, isto é, com sentido definido pela voz da ideologia dominante, do poder tradicionalmente constituído³. Poder que entretanto pode ser questionado pela própria linguagem: quando a arte, através da voz enunciativa, revela consciência desse estatuto artificial de “verdade” da linguagem, abre espaço para a reversão e para a subversão e, portanto, para o humor, com que o homem consegue afastar de si mesmo, temporariamente, a servilidade e a impotência que o caracterizam enquanto ser humano.

É através do humor, portanto, que o romance de Mário Cláudio define o seu caráter performático, já que a narrativa tradicional é nele desconstruída e reescrita pela introdução de dados e luzes desmistificadores, ou de exageros que ironicamente, à moda de Fernão Mendes Pinto, funcionam para negar o que parecem afirmar. A *Peregrinação de Barnabé das Índias* acentua, assim, especialmente em aspectos de sua enunciação, mas também certamente através de um enunciado que se opõe a *Os Lusíadas* e retoma a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, as questões relativas à identidade da nação portuguesa, desvelando aspectos históricos normalmente camuflados ou esquecidos, ou acentuando o caráter de ficção de que se revestem os textos que cantam glórias e conquistas.

E assim a *Peregrinação de Barnabé das Índias* afirma-se afinal como mosaico, reunião de fragmentos e estilhaços, espelhamento de “outridades”, construção irônica que diversifica perspectivas e discursos e assim afirma a linguagem como força maior, capaz de construir identidades, impérios e poderes, ficções e (des)mistificações.

Notas

¹ Cf. SCHOPENHAUER, 1991, p. 77-83.

² Cf. VEGA, 1967.

SCHOPENHAUER, 1991.

LANG, 1988.

ALMANZI, 1978.

BOOTH, 1974.

³ Cf. NIETZSCHE, 1983, p.53-60.

Referências Bibliográficas

- ALMANZI, Guido. *L'affaire mystérieuse de l'abominable *tongue-in-cheek**. Poétique. Paris, n. 36, p. 413 - 426, nov. 1978.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOOTH, Wayne. *A rhetoric of irony*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1974.
- BOUCHON, Geneviève. *Vasco da Gama – biografia*. Trad. A.M. Silva, M.G. Pinhão, M. Torres e J.A. Nogueira Gil. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. (ed. org. por Emanuel Paulo Ramos). 5.ed. Porto: Porto Ed., [19--].
- CATZ, Rebecca. *A sátira social de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Prelo, 1978.
- _____. *Fernão Mendes Pinto – sátira e anti-cruzada na Peregrinação*. Lisboa: ICLP, 1981.
- CIÁUDIO, Mário. *Peregrinação de Barnabé das Índias*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.
- DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia, humor e fingimento literário*. In: *Cadernos do NAPq*. Belo Horizonte: FALE / UFMG, 1994. p. 54-78.
- FAORO, Raymundo. *Origem do estado português*. In: *Os donos do poder – formação do patronato brasileiro*. 13. ed. São Paulo: Globo, 1998. V. 1, p. 1-29.
- FINAZZI-AGRÓ, Ettore. *Ir algures. A delimitação do ilimitado na literatura de viagens dos séculos XV e XVI. Vértice*. Lisboa, 1988. p. 81-89.
- JANKELEVITCH, V. *L'ironie*. Paris: Flammarion, 1964.
- LEPECKI, Maria Lúcia. *O romance português contemporâneo na busca da história e da historicidade*. In: *Le roman portugais contemporain. ACTES DU COLLOQUE*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1984, p. 13-21.
- LIMA, Francisco Ferreira de. *Rumo aos encantos do mundo – o conceito de viagem na Peregrinação*. In: *A cor das letras*. Revista do Departamento de Letras e Artes da UFFS. Feira de Santana, n. 1, 1997, p. 79-93.
- LIMA, Isabel Pires de. *Questões de identidade nacional no romance português contemporâneo*. In: *Actas dos 3ºs. Cursos Internacionais de Verão de Cascais* (8 a 13 de julho de 1996). Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 1997. Vol. 4, p. 157-166.

- _____. *Rememorar e futurar ou a invenção da pátria*. In: **Literatura nacionalismos identidade**. Revista Discursos – estudos de língua e cultura portuguesa. n. 13. Lisboa, Univ. Aberta, out. 1996, p. 135-146.
- _____. *Crise de identidade ou ressaca imperial?* **Prelo** n. 1. Lisboa, out./dez., 1983, p. 15-22..
- LIMA, Luiz Costa. *Persona e sujeito ficcional*. In: **Literatura e memória cultural. Anais do 2º Congresso ABRALIC** (8 a 10 de agosto de 1990). Belo Horizonte: UFMG, 1991, p. 114-133.
- LOURENÇO, Eduardo. *Le Romantisme et Camoëns*. In: **Nós e a Europa ou as duas razões**. Lisboa: INCM, 1990. p. 103-113.
- MACEDO, Helder. *A poética da verdade n'Os Lusíadas*. In: _____ & GIL, Fernando. **Viagens do olhar: retrospectiva, visão e profecia no Renascimento português**. Porto: Campo das Letras, 1998. p. 121-141.
- NIETZSCHE, F. *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*. In: **Obras Incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Col. *Os Pensadores*. p. 53-60.
- PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinação**. Transcr. Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.
- REBELO, Luís de Sousa. *Identidade nacional: as retóricas do seu discurso*. In: **Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas**. Lisboa: Cosmos, 1997, p. 21-33.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Onze teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal*. In: **Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 53-114.
- SARAIVA, António José. *Introdução*. In: **Fernão Mendes Pinto**. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1971, p. 11-150.
- SCHOPENHAUER. *La risa*. In: STEPANENKO, Pedro (Sel. prol. e notas). **Schopenhauer en sus páginas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1991. p. 77-83.
- VEGA, Celestino F. de la. **El secreto del humor**. Buenos Aires: Editorial Nova, 1967.